

## Apresentação

Rodrigo Botelho-Francisco

**Como citar:** BOTELHO-FRANCISCO, R. Apresentação. *In:* JORENTE, M. J. V.; NAKANO, N.; PADUA, M. C. **A emergência do Design da Informação na contemporaneidade da Ciência da Informação**. 2. ed. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 15-21.  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-90-3.p15-21>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## *Apresentação*

Apesar das metáforas que lhe dão visibilidade e centralidade, a informação não é um fenômeno exclusivo da pós-modernidade ou do contemporâneo. Assim como a comunicação é inerente à humanidade, a informação é inerente ao processo de comunicar, presente na história da humanidade desde que ela assim se compreende. Se assim o é, por quê a emergência da informação e de seu design como elementos nevrálgicos nos processos de convergência midiática na sociedade contemporânea?

Ao longo de toda sua história, a humanidade foi desenhando e dando forma ao que informava. Representou a natureza, representou sons e representou o que comunicava, capturando em novos signos o significado das coisas e, com isso, promovendo um processo de criação que foi reconfigurando, *pari passu*, a arte de comunicar e a

sua presença no mundo. Concreto e abstrato, assim, foram se confundindo de tal forma que, em diferentes culturas, as representações foram ganhando também uma certa concretude e se engendrando cada vez mais em sistemas sociais altamente complexos.

No processo de curadoria dessa memória símica que vai sendo construída ao longo da história, as bibliotecas, os museus, os arquivos e os diferentes meios de comunicação exercem uma curadoria essencial não só pelo que representam as memórias e difusão da informação, como na constituição dela como objeto central de uma ciência e de uma técnica. Assim, o surgimento das ciências da Informação e da Comunicação são o ápice do reconhecimento da centralidade dos fenômenos infocomunicacionais que foram se mostrando cada vez mais evidentes ao longo da história.

No entanto, como algo que perpassa a própria existência humana, a informação não poderia ser apreendida como algo exclusivo da Ciência da Informação (CI), senão a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que traz para o interior desta ciência uma habilidade natural de diálogo com todos os outros campos do saber, adiantando um princípio que vai se mostrar fundamental para as respostas aos fenômenos contemporâneos, que já

demonstram não serem capazes de ser respondidos por uma única ciência.

Enesse processo de diálogos científicos, entre campos já conhecidos como Design Gráfico e Design Industrial, surge o Design da Informação (DI), numa intersecção de saberes que vem reconhecer o processo criativo por trás do detalhe da constituição do signo informacional. Ou seja, para humanidade já não basta representar, mas criar um projeto visual centrado na experiência humana com a informação, de forma que o contato com os códigos possa fruir da maneira mais efetiva possível.

Assim, o Design da Informação é uma resposta à esta arte de dar forma ao conteúdo, verificada desde sempre, mas que com os sistemas informáticos vai ganhar mais evidência. A partir da Computação e nas disrupções de espaço e tempo, o paradigma digital vem engendrando novas e complexas formas de ser e estar, que vem exigindo da ciência um foco centrado nos atores conectados, em rede, em toda complexidade de suas interações, cognições e emoções.

E é sobre este contexto complexo da informação mediada pelas tecnologias digitais que se debruça esta obra, que o faz a partir da hipótese “de que uma constante reconfiguração, um redesenho dinâmico e contínuo de ambientes, plataformas e Mídias poderia constituirlos em

mediadores que respondessem aos desafios e demandas do momento”.

Trata-se de um pressuposto altamente desafiador, uma vez que admite um objeto de estudo científico mutante, em constante e rápida transformação, o que irá requerer, por sua vez, métodos igualmente dinâmicos e, de certa forma, sintonizados com uma perspectiva científica aberta e capaz de incorporar as subjetividades de todos os atores envolvidos na mediação da informação em um ecossistema midiático complexo, identificado a partir de subsistemas como as tecnologias, as mídias e os processos de criação envolvidos em redesenho.

De fato o Design é um conceito complexo e multidimensional que precisa ser aprendido, assim como se propõe este livro em seus quatro primeiros capítulos. Eles funcionam como uma primeira parte, que visa trazer para o terreno de prova da hipótese os elementos teóricos e pragmáticos necessários para pensar a intersecção CI e DI. E o faz desde apresentar a presença do desenho e do redesenho no cotidiano, até explicar o que significa o Design a partir de sua perspectiva histórica, em relação com a Arte, como disciplina e como ciência complexa, “com um corpus conceitual e científico”. Assim, o apresenta como método, em todas suas fases processuais e de processo, até culminar com mudança paradigmática que fez com que extrapolasse seus limites ao estabelecer relações interdisciplinares.

Os capítulos 5 e 6, por sua vez, apresentam o conceito de Design da Informação a partir da Gramática visual, da Gestalt e da Ciência Cognitiva. Para tanto abordam como se dá a experiência com o código visual e o seu domínio e apresentam exemplos de técnicas visuais, elementos da informação visual e os componentes visuais utilizados na criação de qualquer projeto em DI, o que permite traçar um ótimo contorno didático sobre DI. Em contrapartida, ao falar do alfabetismo visual, da percepção da imagem, da psicologia da forma, do comportamento visual e da User Experience (UX), constrói um contraponto teórico, com leis e princípios que explicam formas de percepção do mundo.

Já nos capítulos 7 e 8 a obra adentra ao terreno dos meios de comunicação e da Internet, discutindo como o Design da Informação é vislumbrado nos processos de convergência midiática e na Internet. Inicia retomando a perspectiva aberta pela prensa, com Gutemberg, e segue trazendo para o debate uma perspectiva histórica, que inclui uma profusão de pensadores que corroboram as ideias de DI; todos eles, em linha, buscando aplicações práticas dos princípios ou leis da Gestalt em ambientes físicos ou digitais. Ao concluir sobre a Web 2.0, apresenta um quadro com o lugar do DI e de suas subáreas em relação às propriedades deste sistema complexo, aberto, dinâmico e em contínua expansão.

Por fim, no capítulo 9 encontra-se uma a discussão sobre a emergência do Design da Informação na

contemporaneidade da CI, como, de alguma forma, uma prova da hipótese planteada no início. O DI é, assim como vão concluir as autoras, um constructo complexo e multifacetado, uma “peça de um quebra-cabeça maior”, congregando pesquisadores, docentes, profissionais e saberes de distintas áreas do saber, em especial a CI, a Ciência da Computação, o Design, a Ciência Cognitiva, a Ciência de Dados e os Sistemas Inteligentes. Nelas vislumbram-se, por sua vez, as Tecnologias de Informação e Comunicação, com suas tendências e emergências.

Nesta trajetória de leitura se irá vislumbrar não só a comunicação científica de uma tese sobre esta desafiadora disciplina, mas a própria história, as marcas e a sólida contribuição científica de um grupo que vem militando em sua constituição desde 2017: o Laboratório de Design e Recuperação da Informação (LADRI), da Faculdade de Filosofia e Ciência, Campus Marília da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Há que se destacar – além do mapa conceitual apresentado no próprio livro sobre os cenários experimentados pelo LADRI – que este laboratório está vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), que vem mantendo, há uma década, o conceito 6, considerado de excelência pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

As autoras deste livro, neste contexto, representam

não só as gerações de pensadoras do LADRI, como a própria excelência acadêmica do PPGCI da Unesp, demonstrando, com a publicação desta obra, a pujança e a capacidade da ciência nacional em produzir respostas a fenômenos contemporâneos tão importantes e centrais como o da informação, o fazendo ao mesmo tempo em linguagem acessível a um público amplo, mas com o rigor conceitual necessário para comprovação de uma tese científica.

*Rodrigo Botelho-Francisco  
Curitiba, agosto de 2020.*